

## **“TERRA PAPAGALLI” e “TERRA DE LIVRES”<sup>1</sup>**

**José Antônio de Ávila Sacramento**

“TERRA PAPAGALLI” é o título de um dos muitos livros da dupla de escritores José Roberto Torero & Marcus Aurelius Pimenta (Editora Objetiva, ano 2000, 189 páginas). Recentemente os autores visitaram a mineira São João del-Rei, trazidos pelo produtor cultural Adenor Luiz Simões Coelho, oportunidade em que conversamos. O objetivo das conversas foi o de colher subsídios da história e tradições locais para a roteirização do espetáculo “TERRA DE LIVRES”, a ser iniciado em março de 2010 e que será um dos marcos comemorativos do centenário de nascimento do conterrâneo que foi eleito presidente da República, Dr. Tancredo de Almeida Neves (1910-1985).

Falarei um pouco sobre o “Terra de Livres”: o projeto foi apresentado em São João del-Rei, na noite de 09 de março deste ano, pela diretora da Fundação Tancredo Neves, Andréa Neves da Cunha (neta de Tancredo e irmã do governador Aécio Neves), em reunião que foi das mais supimpas e contou com as presenças do presidente da FIEMG, o são-joanense Robson Braga Andrade, do secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais, Paulo Brant, do presidente da Associação Brasileira de Cidades Históricas, prefeito de Ouro Preto, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos, do produtor cultural Adenor Simões; do pároco da Catedral do Pilar, monsenhor Paiva, do prefeito Nivaldo José de Andrade, dentre outras lideranças convidadas.

Este articulista, atendendo a convite, também estive no auditório do Memorial Tancredo Neves, ocasião em que, depois de uma bela preleção de Andréa Neves, ouvimos a idéia-piloto do designer e vídeo-artista Marcello Dantas, profissional reconhecido por sua atuação trabalhos bem sucedidos no Brasil, no exterior e, também, pela direção artística do Museu da Palavra, um projeto de sucesso em São Paulo. A idéia do “Terra de Livres” é a montagem de um grande espetáculo de expressão coletiva em torno da arte e da memória em São João del-Rei. Para tanto, heveria apresentações periódicas de artistas que aprenderão a usar linguagens e tecnologias que viabilizarão um roteiro pelas ruas do centro antigo da cidade, transformando-o em atração turística local e regional (e por que não nacional?). Agradou-me o fato de que o evento, além de seu evidente aspecto memorial, cênico e comemorativo do centenário de nascimento do artífice da “Nova República”, poderá também gerar melhoria de oportunidades de emprego e de renda para o povo desta cidade. A presidência da FIEMG comprometeu-se a viabilizar, entre as suas empresas filiadas, os recursos financeiros para custear o projeto. O polígrafo Jota Dangelo, que esteve presente, capturou bem a essência do projeto: “um evento cultural, a ser realizado como um cortejo pelo centro histórico de São João del-Rei, em plataforma móvel que possa abrigar manifestações culturais diversas como teatro, dança, música e projeções, num misto de conagração e integração de turistas e moradores locais.”. É isto que esperamos que aconteça!

Voltemos ao livro! A dupla envolvida com o roteiro da “Terra de Livres” presenteou-me com um exemplar da obra “Terra Papagalli” e nele apuseram duas gentis dedicatórias que eu muito apreciei, das quais cito partes: “um livro onde há verdadeiras mentiras” e “uma história dos antepassados de Tomé Portes e, porque não?, também dos seus”. As orelhas da obra foram “psicografadas” por Pedro Álvares Cabral. Depois, nas páginas seguintes, vem a praxe dos agradecimentos que são comuns a toda obra, mas, desta

---

<sup>1</sup> Crônica publicada originalmente no JORNAL DE MINAS (São João del-Rei - MG, Ano IX, Edição número 109 - 13 a 19/11/2009, p.2).

feita, um inusitado reconhecimento de gratidão é feito apenas aos “dentes”, considerados como “feitos para sorrir às senhoras, arrancar as rolhas das garrafas, morder os inimigos e rasgar a carne, de modo que, sem eles, não procriaríamos, não beberíamos, lutaríamos pior e morreríamos de fome”, e, ainda, que os dentes são preciosos instrumentos para “alargar o caminho entre o berço e a cova”; para viver, às vezes “vale mais o afiado canino que a aguda filosofia”.

Depois, começa-se o relato de uma fantástica carta com a “narração para preguiçosos leitores da luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiçada e gulosa história do primeiro rei do Brasil”, ou da “Terra Papagalli”, como os autores preferem referir-se aos primórdios deste grande país. A exposição é feita por uma carta escrita por Cosme Fernandes e que foi destinada ao “Conde de Ourique”, no longínquo ano de 1536. O tal Cosme Fernandes, mais tarde Bacharel de Cananéia, chegou aqui nos primeiros anos do descobrimento. Veio com “uma mão na frente e outra atrás”, mas se deu muito bem em terras tupiniquins, onde aprendeu que “é preciso dar presentes sem parcimônia, fazer alarde de qualquer dificuldade, que não há quem não troque honradez por honraria”. A vida dele foi recriada através de linguagem jocosa e a grafia típica do século XVI. Sob a forma de paródia, são relatados acontecimentos desde antes de Cosme Fernandes chegar a Lisboa, de onde embarcara num amontoado humano de uma das 13 naus da esquadra que estava sob o comando de Pedro Álvares Cabral, com destino à Terra de Vera Cruz, na companhia de uma escória de criminosos e de desterrados.

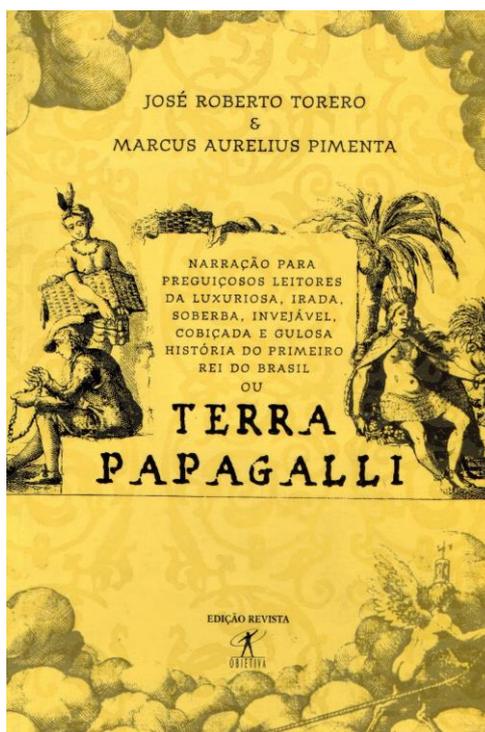
O livro é carregado de fina ironia, de argumentação e raciocínio bem organizados, jogos de palavras típicos do barroco, alegorias e reflexões metalingüísticas... O texto oferece boas amostras da brasílica língua tupinambá que aqui era falada; traz também, misturado a patuscadas, homéricas orgias e duras pelejas, uma dezena de ladinos “mandamentos” para o bem viver na então “Terra dos Papagaios”. É interessante observar que o teor dessas recomendações tem boa serventia nos tempos atuais, basta o leitor transferir seus olhos para as notícias publicadas nos jornais da atualidade; neles, sem muitas dificuldades, é possível achar correspondências realistas e diretas com pelo menos algum dos dez mandamentos que lá estão citados. Forneço duas amostras do dito decálogo: a Terra dos Papagaios “é aquela terra onde tudo está à venda e não há nada que não se possa comprar, seja água ou madeira, cocos ou macacos. Mas o que mais lá se vende são homens, que trocam-se por qualquer mercadoria e são comprados com as mais diversas moedas”. Eis a segunda amostra: “na terra que se chama dos Papagaios, cada um cuida de si e Deus que cuide de todos, pois pouco se faz por um irmão, nada por um primo e menos coisa nenhuma por um amigo, de modo que cada um só quer saber do seu nariz e, se alguém faz algo por outrem, é a troca de paga ou medo.”. E é assim que os escritores Torero & Pimenta tecem as metáforas “de uma sociedade que evoluiu apenas para mascarar, com nuanças de civilização, a safadeza e a corrupção típicas de quem quer levar vantagem em tudo.”.

Como se não bastasse a narração da saga de Cosme Fernandes através de situações bem articuladas, o livro ainda apresenta a devoção à “Santo Ernulfo”. Confesso que ainda estou procurando o hagiológico dele, algo que vá além da “Excommunicatio” - Teia de “Ecclesia Roffensi”, de “Ernulfum Episcopum” (Rochester/Inglaterra, 1040 - 1124). Quem sabe um dia, com a licença do meu São Miguel “do Cajuru”, eu possa devotar a “Santo Ernulfo” alguma atenção especial e vice-versa; o “virtuoso Ernulfo” sabia “que o homem é o mais faminto de todos os seres que andam sobre a Terra, pois não possui apenas a fome da boca, que se sacia com carnes e frutos da terra, mas muitas outras, cada uma vinda de uma parte do corpo: dos ouvidos, vem a fome de música; dos olhos, a de belas paisagens; do nariz, a de bons cheiros; do cano, a de mulheres; da mente, a de sabedoria, e da alma, a de Deus. O “santo” prega ainda, com sabedoria, que todos “os erros são tragédia para quem os comete e

comédia para quem deles ouve falar.”. O livro “Terra Papagalli” é leitura recomendável, ela vale muito a pena, mas é preciso saber interpretar cada frase nele escrita, desvendando-lhe as entrelinhas, seguindo a recomendação de “rir de todas as aflições apresentadas, mas, também, meditar e aprender com elas”!

Coincidência das melhores e que nos é muito bem-vinda — desta feita sem metáfora, sem ironia, sem paródia e sem pândega — é o fato de os autores de “TERRA PAPAGALLI” (obra ambientada no século XVI) estarem agora, no século XXI, comprometidos com a dramaturgia do formidável projeto “TERRA DE LIVRES” em São João del-Rei, a cidade que para o erudito José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000)<sup>2</sup> sempre foi “a mui nobre e leal Villa de Dom João V, uma das que iniciaram, desenvolveram e ampliaram as várias faces da civilização do ouro, dos tempos da ênfase barroca, revolucionária às vezes e que educou o Brasil para a sua independência tão espetacular quanto renascentista, obra de príncipe esclarecido, não de ‘condottieri’ ou caudilhos que aí estivessem a depois imitar Napoleão para mofa e desprezo da Europa, de que o melhor entre nós proveio e deu frutos”.

Assim, eu rogo a “Santo Ernulfo” que nos proteja nesta cidade da terra dos papagaios e que viu nascer o menino Joaquim José da Silva Xavier (mais tarde o *Tiradentes*) e Tancredo de Almeida Neves, o que faz dela um terreno que, por motivos óbvios, pode e deve ser considerado *Terra de Livres*!



“José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta são os autores deste livro. Os dois formaram-se em jornalismo, começaram mas não acabaram seus mestrados, falam pouco, são tímidos e detestam posar para fotos, como se pode ver. Ou melhor, como se pode não ver.”.

---

<sup>2</sup> Patrono da cadeira nº 36 do IHG de São João del-Rei – MG.